

APRESENTAÇÃO

Francisco de Moraes, autor do famoso livro de cavalarias *Palmeirim de Inglaterra*, é também autor de três diálogos que chegaram até nós em edição póstuma (Manoel de Carvalho, Évora, 1624) e em três testemunhos manuscritos:

- ms. de Gil Nunes de Leão, do séc. XVII - COD. 3563 da BNP - fls. 1r-4v e 47r-52v (onde só são transcritos os diálogos primeiro e segundo);
- ms. da coleção pombalina, do séc. XVII - PBA 147 da BNP - fls. 294r-302r (contém os três diálogos);
- ms. das provas tipográficas da edição de 1786, do séc. XVIII - BDMII Ms. LXXXI, fls. 4-22 da Biblioteca do Paço Ducal de Vila Viçosa (contém os três diálogos).

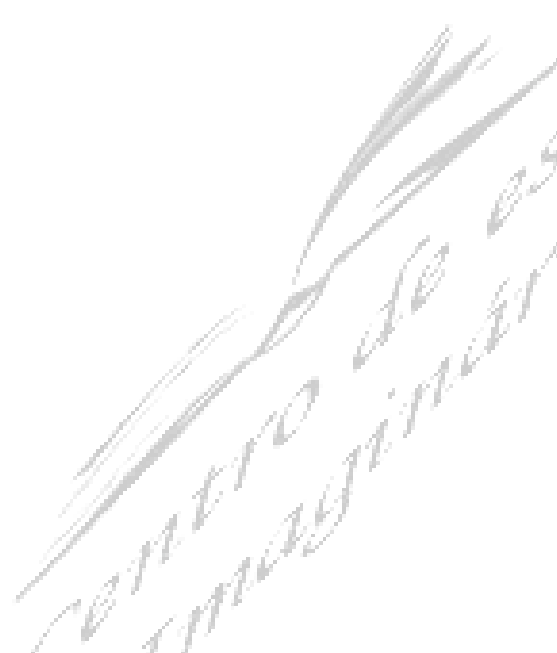
O testemunho que agora se edita (o PBA 147), e que em nossa opinião deve constituir a base para uma edição crítica (em preparação), integra um códice factício pertencente à Biblioteca Nacional de Portugal, instituição a que agradecemos a autorização de acesso aos originais, bem como a autorização para a sua transcrição e publicação *online*.

A obra, em papel, é constituída por duas partes distintas de diferente dimensão (a primeira parte tem 285mm x 200mm e a segunda é de 264mm x 185mm). O códice, atualmente restaurado, apresenta uma escrita do século XVII e ostenta o título geral *Obras varias* (sec. XV-XVI) na folha de rosto. Entre os fólhos 291 e 302 encontram-se as «OBRAS DE | Francisco de Moraes», nomeadamente, a «carta de Dom Inacio pera o Rey | Dom João o 3.^o notada per Fr.^o de Moraes» (fls. 291r-291v), a «Desculpa de hūs amores q̃ tinha cõ hũa Dama | Francesa per nome Torsi sendo Por | tugues pela qual fes a historia das | Damas Francesas no seu Pal | meirim.» (fls. 291v-294r) e os três diálogos (fls. 294r a 302r).

No «Diálogo Segundo» de Francisco de Moraes (fls. 298r-300r), que opõe um *cavaleiro* e um *doutor*, cada um dos intervenientes defende a dignidade e utilidade para o reino do grupo social em que se integra. Nesta viva altercação, onde o cavaleiro se bate em defesa do mester das armas e o doutor faz valer a importância da administração da justiça, são duas visões do mundo e do bem comum que estão em jogo, mas também o retrato de uma época, em que a nobreza em perda de privilégios assiste à ascensão de uma nova classe de letrados, cada vez mais poderosa na corte régia. Ainda assim, graças a uma argumentação subtilmente irónica e a uma hábil utilização de referências culturais, o autor acaba por demonstrar a superioridade da cavalaria.

A transcrição do «Diálogo Segundo» segue as normas gerais do projeto «Diálogos Quinhentistas», sendo de assinalar as seguintes especificidades:

- As abreviaturas foram desenvolvidas do seguinte modo: p^a → pera (= para), VM → Vossa Mercê, Ds → Deus, Sor → Senhor, mr^a → maneira.
- Foram regularizadas as maiúsculas nos seguintes vocábulos ou expressões: Cavaleiro, Doutor (com exceção da expressão *domine doutor*, onde as minúsculas parecem ter um sentido depreciativo e irónico), Senhor, Vossa Mercê, El Rey.
- Foram ainda acrescentados ou eliminados alguns acentos cuja ausência ou presença provocaria dúvidas ao leitor de hoje, como nos pares da/dá, vós/vos, ha (interj.)/há(v. haver), porque/porquê. Pela mesma razão, acentuámos alvarás, passá lo, vê (vé), lê, prática.

**CEIL**
Centro de estudos sobre
o Imaginário literário

TEXTO

Dialogo . 2º. Interlocutores
Cavaleiro e Doutor¹

Cavaleiro: Beijo as mãos a *Vossa Mercê*.

Doutor: As suas; que manda, *Senhor*²?

Cavaleiro: Sente se *Vossa Mercê* que eu venho mais de vagar.

Doutor: Veja o que quer, *Senhor*, que eu estou hum pouco occupado.

*Cavaleiro*³: Ora, *Senhor*. Sente se por ma fazer e ouça me que não quero mais de duas palavras.

Doutor: *Senhor*, cubra que eu estou bem, assi em pé lhe ouvirei o que mandar e ir se há logo.

Cavaleiro: De maneira que quereis que falle em pé.

Doutor: *Senhor*, si.

Cavaleiro: Nisto se enxerga que não há leis que ensinem cortezias, e bem fora que ouvera algũa que mandára que hum Doutor depois de vinte annos de Sena trilhara o Paço três ou quatro, *pera* saber o uzo d'ellas. Mas anda a cousa de sorte que⁴ por ellas lhe entregão o Mando e encarnão se de *maneira* que quando se ve[e]m mudados, não conhecem Rey nem Roque.

Doutor: Parece me isso mais modo de briga *que* de negoceo. Hora agora vos assentai, e dir vos ei⁵ que cousa hé ministro da Justiça, que cuido *que* o não sabeis. Moço, dá quá hũa cadeira. Dizei me, *Senhor*, quem vos parece que tem mais merecimentos ante a Magestade Real, a Fidalgui[a] ociosa exercitada em vaidades ou aquelles que por sua discrição e letras sustentão o Reyno em tranquilidade e páz, e ministirão Justiça igualmente, não dexão perecer os pequenos, sometem os grandes ao uso de razão⁶, castigão os errados, absolvem os inocentes, punem todo genero de maleficios⁷, por onde devem de ser avidos por mais de homens, pois segundo sentença do Philosopho castigar os máos hé galardão que se dá a bons. Finalmente são esteios do Reyno, *que* mediante seu regimento e obras, o Rey fica

1 Cavaleiro e Doutor] ~~Coloquio de Cavaleiro e Doutor pelo mesmo Autor~~
Adota-se a forma entrelinhada pela mesma mão a tinta diferente.

2 *Senhor*] Sro

3 Acrescentado na entrelinha superior pela mesma mão.

4 *que*] ~~que sem el~~

5 *dir vos ei*] ~~dir uos ei~~ (doutor)

6 *razão*] ~~q-razão~~

7 *maleficios*] ~~beneficios-maleficios~~

temido dos maos e amado dos bõos, e o seu estado pacifico e quieto, com gloria triumphante dos outros, em cujos Reynos a Justiça menos se guarda ou as letras menos se estimão.

Cavaleiro: Bem vem o Senhor Doutor e cuidará que mata a braza, bem estou com essas razões se as obras as seguissem, mas quantas e quantas vezes, condenais os inocentes, e absolveis os culpados. E então se vos quer culpar alguém⁸ [298v] lá tendes razões córadas com que tudo fazeis chão. Emfim sois tintureiros, dais a cor como quereis e se se vos queixa alguém, dizeis lhe: queixai vos de Bartolo que a sua ley vos condena.

Doutor: Pois homem hé esse cuja autoridade se guarda em qualquer parte.

Cavaleiro: Verdade hé, mas se El Rey de Féz poem cerco a Marzagão, suas leis não o descercão, ainda *que* sejam sustentadas com alvarás da Relação, verificados por todo o Senado da meza da Suplicação.

Doutor: Pois isso hé fora de jurdição e carecem do intendimento de nossa lingoagem, e d'ahi vem não os guardarem. Mas comtudo falemos á bem de feito qual vos parece de mais merecimento ante Seu Rey, aquelles *que* por armas vão conquistar o alheo, ou os outros *que* sem ellas sustentão o Reyno em perpetua concordia, e por pura discrição, sem derramamento de sangue, se deffendem dos imigos, são chamados pays da Patria?

Cavaleiro: Perguntem no aos Africanos e vereis o *que* respondem, que gastão seus patrimonios em accudir a qualquer afronta e se o assi não fizessem já o Mulei Abrahé viera jantar com elles mais de dous pares de veses. Estes me parecem a mim dignos de mais mercê e honra, pois por deffensa da Pátria e serviço do seu Principe, offerecem as vidas á morte e trazem [os corpos]⁹ assinados das armas de seus imigos e as mãos calejadas de pelejar.

Doutor: Até nisso me confessais ventajem, e sabeis como? Naquisto vos dir[ei]¹⁰. Confesso *que* esses pellejão, mas quem os fás pellejar senão o Regimento das letras esparzido nas Provincias? *Que* a virtude não hé perfeita em quanto o fim da execução não chega. Quero vos dizer *que* os animos desviados de sis mesmos, hũs querirãõ ir, outros querirãõ ficar, mas aqui suprem os Ministros¹¹ da Justiça presidentes nos lugares, *que* a causa virtuosa, ou ao menos necessaria fazem pôr em execução. E não sei porque¹² a vitoria não hé antes destes *que* a fazem alcançar, *que* dos outros *que* a alcanção, pois está claro *que* a disquirição de hũs fés ganhar a fama aos outros.

Cavaleiro: Bem aviado estaria quem com palavras esperasse vencer vos. Hũa mercê me fizesse *Deus* e morresse logo: *que* visse hum batalhão de Turcos e hũ de Doutores, pera ver como passavão. O Conde do Redondo com duzentas lanças desbaratou dous mil e nenhũ dos imigos sabia letras, *que* se todos forão letrados

8 alguém] alguém lá ten-

9 Cód. 3563, f. 1v

10 vos direi] uos dir *Fim de linha ilegível*

11 Ministros] Misnistros

12 porque] ~~que~~ porque

pudera desbaratar cem mil e o feito não fora grande. Em fim Hanibal cõ cento e tantos mil homens passou os Alpes; se entre eles assertarão de ir três Doutores nunca os passára; lá derão tantas razões e sustentadas cõ [tanta]¹³ autoridade, *que* fizerão o perigo certo e a batalha duvidosa. O caso hé *que* por elles se disse: «Razona bien del Arnes mas vistalo quién quiziere». Duas calidades de homens acho *que* matão mais homens *que* quantas guerras civis [299] se podem levantar: Doutores e Phisicos, cada hũ por sua via, qualquer genero destes hé mais perigozo na páz *que* os inimigos na guerra, *porque* dos hũs deffendeis vos e aos outros entregais vos, e então aonde cuidais *que* achais remedio pera a vida achais a condenação d'ella.

Doutor: Vejo vos tão ufano de cuidar *que* fallais bem *que* isso me fás soltar as redeas á prática, *que* eu não quizera per não injuriar as lettras; *que* não podem ellas receber mais detrimento *que* dar vos azo a cuidar *que* disputais. Sabeis quamanho hé o preço de hũ letrado virtuoso, jubilado no mandar, *que* não tem comparação. Hũ de vós outros, se pelleja, pelleja por si só, mas o Doutor *que* governa, pelleja por todo o povo. E daqui veo aos Athenienses estimarem mais o concelho de Solon *que* a[s] vitorias de Themistocles, *porque* a hũa ainda *que* glorioza teve o fim acelerado, e o outro ainda *que* de menos fama aproveitará perpetuamente. Maior gloria merece Catão por desterrar com sua sabedoria os vicios de Roma *que* Scipião pello vencimento de Carthago. Olhay os Antigos se fazião mais memoria de hum philosopho só *que* de trinta capitães juntos, pois se errarão nas obras lho sentireis.

Cavaleiro: Já sei *que* por demais são razões: estas são as armas cõ *que* sempre pellejastes, e por isso não hé *muito* *que* vençais quem se dellas não aproveita. Mas faço vos hũa aposta, se vos virdes em hum campo razo cercado de mil mouros, *que* vistais as couraças ás avessas e *que* não saibais de *que* metal são as laminas, e *que* vos não tire Baldo as borbeletas de ante os olhos. Ah, *Senhor* Doutor, *que* nunca vos vistes com cem bombardas grossas assestadas nesses peitos e as faces amarellas como cera, a chamar pella Virgem Maria e não achar quem vos acuda e ter a Salvação no fugir, desemparrar vos¹⁴ a vista de todo, ouvir gritar *que* racha os Ceos e achais os pés peados e travados. Quão longe de vós então lembrar Codigo, Digesto nem outros, escusados na páz *pera* fazer guerra a *muitos* *que* a não merecem. Pellejais nas audiencias onde sois superiores, quereis vos tratados como gente sagrada, e pondeis o mesmo nome á meza onde condenais.

Doutor: Ja vejo *que* estais mais perto de Orador *que* de outra cousa; agora ei por bem empregado meu tempo em vos responder. Se quando aqui entrastes vos tratei com menos cortezia do *que* essa oratoria merece, perdoai me, *que* não cuidei *que* ereis mais *que* fidalgo ou cavaleiro. E com tudo não saindo do preposito, quero *que* saibais *que* os medos *que* propondes menos medo farão em hũ doutor *que* em outro qualquer homem. E quereis ver a razão? Senti o *que* vos disser. Quem tem o juizo claro *pera* conhecer o medo antes *que* se veja nelle, supoem *que* há de passá lo¹⁵, e daqui vem ir já tão acautelado *que* quando o temor chega [o] acha tão apercebido *que* se não enxerga nelle, e os outros em quem se isto não acha, nace

13 *Ilegível (fim de linha)*.

14 vos] ~~es~~ uos (*por cima*: ~~æ~~)

15 passa lo] passa(*rasura ilegível*)lo

lhe de não conciderar as cousas antes *que* ellas aconteção. Assi que por aqui vos provo *que* de necessidade hũ *muito* bom letrado há de ser bom cavaleiro.

Cavaleiro: Ha, domine doutor, como repicais em salvo! *Que* boa razão me dais se naquelle tempo¹⁶ [299v] ouvesse razão algũa. Ora *quero que* saibais *que* duas cousas aproveitão no perigo de que tratamos pera o esperar melhor. A hũa e mais principal hé ter o coração animoso, a outra, o costume da pelleja: que o exercicio fás perder o medo, e daqui veo *muitos* per uso serem valentes. Mas quem isto nunca vio não pode ser bom juis do que poderá fazer, e por isso se disse *que* o cego nunca julgou bem de cores: gabai vos de bom letrado¹⁷ e deixai estar as armas *pera* quem as exercita.

Doutor: Bem se parece *que* nunca lestes quantos Philosophos já forão capitães, e estes pella calidade Philosophal se esperava *que* vencessem ajudando se das armas, *porque* com a sciencia alcançavão o porvir e antre a esperança dos perigos discernião o menor e conjecturavão os meios *pera* poder alcançar a vitoria e depois de ter pervisto o *que* podia acontecer, executavão com as armas o *que* as letras determinavão.

Cavaleiro: E quem tolhe *que* esses tais *primeiro que* soubessem letras exercytassem as armas?

Doutor: Tambem pode ser *que primeiro* de exercitar as armas soubessem letras.

Cavaleiro: Isso não confesso eu¹⁸ e sabeis, *Senhor* porquê? Porque o natural de letrados he ver o perigo ao longe e quem o vê hé forçado *que* o tema, e onde o temor encarna, o cometimento hé incerto, e daqui veo o Exemplo de «quem não comete não vence». Guarde vos *Deus* de animo robusto e costumado a passar medos *que* este tal comete o impossivel e *pera* deixar de o fazer¹⁹ não acha nenhũa escusa. E vos outros ainda *pera* não cometer o possivel tendes alegações com *que* esperais salvar vos ou ficar com menos culpa.

Doutor: Olhay como vindes baxo *que* cuidando *que* acertais dais no vosso mesmo escudo: *que* direis a quantos barões illustres ouve em Roma, letrados por excelencia, por cuja valentia e esforço se someteo ao Jugo Romano toda a redondeza do Mundo, pois por certo ainda que nas armas fossem estremados, se a Sabedoria não florecera tanto nelles²⁰ não he de crer *que* a bem aventuraça de Roma chegara a tanto extremo, que nunca vimos nem se lê *que* onde o concelho das letras falece, a fortaleza das armas pode²¹ permanecer muito.

Cavaleiro: Ouvistes vós a Cantiga do «Enganado andais Fernando»? Pois esta vos canto eu em resposta disto tudo. Cuidareis, domine doutor, *que* me tendes derribado; quero *que* saibais *que* agora estou mais em pé, e quero vos render. Camillo e²² Marcello, *que* fizerão feitos grandes, se os quiserão escrever nem por

16 tempo] *Reclamo não repetido no verso da página*

17 letrado] letrados

18 eu] eu *rasura*

19 fazer] fazer *rasura*

20 nelles] nelles *rasura*

21 pode] poder

22 e] *Acrecentado na entrelinha superior com seta na entrelinha inferior*

isso assenteis *que* logo erão Doutores, *que* se o forão, escreverão feitos alheios *porque* de si, quanto na gloria das armas, tiveram mal *que* dizer. Se me dizeis *que* escreveo Cesar seus *Comentarios*, eu assi vo lo confesso. Se *porque* foi em latim quereis *que* fosse Doutor, estais enganado, *que* esta era a sua propria lingoa e escreveo seus feitos nella, como eu farei na nossa o *que* vir fazer a alguém. Em fim, se Cesar fora o *que* vós quereis *que* fosse nem entrára com Amiclas na barca, nem tão pouco Alexandre bebera o vaso de Philippe, nem Judas [300] Machabeo se metera no trabuco, nem outros por conseguinte fizerão feitos memoriaes *que* vós achais em Homero, Plutarco, Tito Livio, e outros desta calidade *que* em ler gastarão seu tempo. Se dizeis *que* as letras região os Romãos, tambem hé bulra: *que* mais certo hé *que* se governavão pellos costumes antigos, deixados de seus maiores cuja origem vinha mais de pastores robustos *que* de homens dados a letras. E pella experiencia do passado se sostinhão no presente, e provião no provir; *que* até Tullio, *que* nas letras foi unico e na páz governou por excelencia, olhai na guerra *que* mostras deo de si. Em fim, *que* tão contrarias são as armas das letras, e dos juizos mui aparelhados a ellas, quanto o hé a guerra da páz. E porem deixando cousas de longe digo, *Senhor* Doutor, *que* nunca vistes o rosto ao Xarife, *que* se lho virdes meter vos eis num çapato. Estudais na pousada, metido em berneo e pellica do carnás *pera* dentro, e temeis vos do sereno e sobre tudo rapais as unhas e estais condenando. Guarde vos *Deus* de ver capilhar no campo, bandeiras despregadas, touca *muito* foteada, azaguaia comprida, com fains mais agudos e reluzentes *que* espelhos, e o perro *que* a brande junta lhe o conto cõ a ponta, apégais vos ás comas, ourinais pela cella, e ouxalá parasse aqui a cousa. E se escapais com vossa honra vindes ao Reyno, entraís em requerimento e *primeiro* vedes a fim á vida *que* ao despacho. Tenho me eu com vosco *que* passais a vossa quieta: as discordias alheas são causa de vosso assossego e por derradeiro sepultais vos em Alvallade com mais ameas *que* os officiaes da Casa da India. E com isto beijo as mãos a Vossa Mercê sem esperar mais talho, *que*²³ bem sei *que* por razões ei sempre de ir debaxo.

Finis

23 *que*] ã *rasura*